

A VITÓRIA DE TRUMP

O fato político mais importante do Brasil nesta semana foi a vitória eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos. Há que dizer algo sobre ela, que não repita com outras palavras o que sai na mídia, evidentemente contrariada, insatisfeita com o resultado. Dá vontade de dizer: se o Globo não gostou, foi um bom resultado para nós. Mas ainda não digo, prefiro esperar um pouco.

É que a coisa não é tão simples assim: há que buscar qualificações, razões e argumentos. E me vem à lembrança, imediatamente, a figura sólida, inteligente e iluminadora de Juvenal Osório Gomes. Não é por acaso nem por benevolência que o edifício-sede do BNDES tem o seu nome gravado para sempre na entrada: o grande organizador-fundador do Banco, nos anos cinquenta, foi o desenvolvimentista de então Roberto de Oliveira Campos; o grande dirigente, o melhor presidente, que levou ao auge o BNDE nos anos setenta foi Marcos Pereira Vianna; o maior líder de todos os tempos, entretanto, o mais respeitado, escutado e acatado pelos funcionários do Banco, mesmo não tendo sido nunca diretor nem chefe de departamento, foi Juvenal Osório Gomes.

Pois dizia ele na sua lucidez de sempre, como me lembro: “os republicanos são mais reacionários porém mais nacionalistas, mais isolacionistas, mais protecionistas, voltados para os assuntos internos americanos, menos intervencionistas nos outros países; os republicanos sempre foram melhores para nós, sempre nos deixaram um pouco mais em paz”. Lembrar Juvenal é sempre bom, faz sempre bem: os mexicanos, os cubanos, os latinos e árabes que vivem lá, até mesmo os negros americanos têm boas razões para estarem preocupados. Talvez, nós brasileiros, sulamericanos, não tanto. Quem sabe, também, os iranianos, os afegãos e os árabes que vivem massacrados no Oriente Médio? Putin gostou, e isso é bom sinal para um entendimento difícil mas possível naquela região conflagrada, aterrorizada, desesperada.

Esta última eleição americana mostrou, aliás, que há algo diferente naquele grande país. O Senador Sanders, para os padrões americanos, é um socialista, posicionado à esquerda tanto ou mais do que Trump à direita. E teve um grande apoio entre a juventude branca, dolococéfala loura de olhos azuis. Esteve perto de ganhar a indicação democrata. Imaginemos um embate eleitoral entre Trump e Sanders: seria quase um outro país.

Cientistas políticos devem estar confusos, à busca de interpretações. As reações do Mercado, todavia, nos interessam mais: foram de apreensão, bolsas caíram no mundo inteiro, a globalização sentiu-se abandonada, eis um dado que confirmaria os juízos de Juvenal.

Quem sabe? Depois da frustração das grandes expectativas com a eleição de Obama, quem pode saber o que significará Donald Trump na presidência dos Estados Unidos? Temer está boquiaberto.

Nós também.